

## ARTIGOS

### O TORMENTO DOS ÍMPIOS E O SOFRIMENTO DE CRISTO

**José Miranda Rocha, D.Min.**

Coordenador acadêmico e professor do curso de Teologia  
Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho, SP  
jose.rocha@unasp.edu.br

**Resumo:** Protestantes e católicos imortalistas argumentam que o tormento dos ímpios, como profetizado em Apocalipse 14:11, não terá fim, o que equivale dizer que será da mesma duração da vida eterna dos justos. Esta compreensão, como exposta por eruditos destas correntes do cristianismo, tem lançado dúvidas sobre o caráter justo de Deus e abalado o ensino sobre o gozo eterno dos salvos. O estudo do assunto é pertinente para evidenciar que nem todos os cristãos têm as mesmas dificuldades com as quais os defensores da imortalidade da alma se deparam para harmonizar sua posição com a justiça e a bondade de Deus. Ao lado de outros cristãos, muitos deles eruditos pesquisadores, os adventistas do sétimo dia sustentam posição contrária à dos imortalistas, ao ensinar a aniquilação dos ímpios como ato de juízo coerente com a justiça e a bondade do caráter de Deus. Todos os seres humanos foram incluídos no sofrimento vicário de Cristo ao provar a segunda morte pela raça caída, e somente passarão pelo tormento da segunda morte por escolha própria ao rejeitarem a provisão de escape ofertada por Deus em Cristo, nosso substituto.

**Palavras-chave:** Tormento, inferno, justiça, sofrimento, alma, ímpios, terceira mensagem angélica.

#### **Torment of the Ungodly and Christ's Suffering**

**Abstract:** Protestants and Catholics immortalists defend the position that the torment of ungodly men, as prophetically depicted in Revelation 14:11, will endure forever, what means that it will have the same length as the eternal life of the righteous. Such a theological thinking, as exposed by scholars of these Christian denominations, has cast doubts upon God's just character and has shaken the teaching concerning the everlasting joy of the redeemed. To study such a matter is a pertinent question in order to clarify the fact that there other Christians that do not suffer the same difficulties faced by the defenders of the immortality of the soul, when they face the task of harmonizing their theological standpoint with the issues of justice and love, as attributes of God's character. Quite close to other Christians, including some scholars, the Seventh-day Adventists maintain a view contrary to the one held by the immortalists. The Adventists teach the annihilation of the ungodly as an act coherent with the justice of God and His goodness. All humankind has been included in the



vicarious sacrifice of Christ when He experienced the second death for the Human race. Only will experience the torment of eternal death those human beings that will reject God's provision of redemption in Christ, our substitute.

**Keywords:** Torment, hell, justice, suffering, soul, ungodly, third angel message.

## INTRODUÇÃO

Um das passagens bíblicas mais significativas é Apocalipse 14:9-11, correspondente ao relato da terceira mensagem angélica. Em razão de uma leitura apressada e doutrinariamente preconceituosa, muitos deixam de entender que o principal tema da terceira mensagem é a justiça de Deus oferecida ao pecador, ao invés da ira divina contra a humanidade impenitente.

O propósito deste artigo é apresentar a correta compreensão da terceira mensagem angélica, com ênfase na interpretação do chamado tormento dos ímpios. Figura também como propósito deste estudo destacar a relação que existe entre este tema e a doutrina da justificação pela fé.<sup>1</sup>

À guisa de introdução, ainda é preciso dizer que a falsa compreensão sobre o estado do homem na morte tem gerado distorções irreconciliáveis sobre a real natureza do tormento dos ímpios. Lee Strobel, por exemplo, chega a confessar o seu impasse diante da aparente contradição entre a bondade e a justiça de Deus, ao tentar entender o significado do sofrimento dos impenitentes, como descrito no Apocalipse. Ele pergunta:

Que tipo de Deus é este que gosta de ver as suas criaturas se contorcem para sempre – sem esperança, sem possibilidade, sem redenção – em uma câmara de torturas que em cada detalhe é tão horrenda e bárbara como um campo de concentração nazista?<sup>2</sup>

Para Strobel, os ateus, a exemplo de B. C. Johnson, estariam certos ao afirmar que “a idéia do inferno é moralmente absurda”.<sup>3</sup> Bertrand Russel, filósofo ateu de nacionalidade inglesa, diante dessa contradição imposta pelo falso entendimento do que significa o inferno na Bíblia, chegou a declarar: “No meu entendimento, existe um defeito muito sério no caráter moral de Cristo, que é acreditar no inferno. Eu não acho que uma pessoa que seja profundamente humana possa crer na punição eterna”.<sup>4</sup>

### 1. A RAIZ DO PROBLEMA

Onde reside a confusão sobre o tormento dos ímpios (inferno) e a justa bondade de Deus? A confusão, certamente, acha-se na má compreensão imposta sobre o mundo cristão pela doutrina pagã da imortalidade da alma. Esta tese é confirmada por teólogos do calibre de Oscar Cullman e Edward William Fudge. Por suas declarações, ambos destacam o correto ensino da Bíblia. Cullman, um teólogo cristão luterano, nascido na França, em curta sentença, desfaz qualquer dúvida quanto à natureza humana, ao dizer: “A alma não é imortal”.<sup>5</sup> E ao se referir sobre a propalada eternidade da alma em detrimento do corpo humano, o mesmo autor reitera que “deve haver ressurreição para ambos; pois desde a queda o homem todo está ‘permeado pela corrupção’”.<sup>6</sup> Fudge, um evangélico pertencente à Bering Drive Church of



Christ, expõe como não bíblica a tradição popular que aponta Deus como responsável por manter os ímpios vivos no tormento sem fim. Para Fudge, a destruição eterna envolverá o homem total, em seu corpo e alma.<sup>7</sup>

Histórica e consistentemente, os adventistas do sétimo dia têm ensinado o que afirmam Cullman e Fudge. A obra intitulada, *Nisto Cremos: 27 Ensinos Bíblicos dos Adventistas do Sétimo Dia*, ao tratar da antropologia bíblica, assim se expressa no tocante à natureza humana:

Na criação, nossos primeiros pais receberam a imortalidade, embora sua conservação estivesse condicionada à obediência. Tendo recebido acesso à árvore da vida, destinavam-se eles a viver para sempre. A única forma pela qual eles poderiam ameaçar seu estado de imortalidade seria através da transgressão da ordem que lhes proibia comer da árvore do conhecimento do bem e do mal. Desobediência conduzi-los-ia à morte (Gn. 2:17; cf. 3:22).<sup>8</sup>

As Escrituras em parte alguma descrevem a imortalidade como uma qualidade ou estado que o homem – ou sua “alma” ou “espírito” – possui inerentemente. Os termos usualmente traduzidos por “alma” ou “espírito” [...] ocorrem mais de 1600 vezes na Bíblia, mas em nenhum caso estão associados a “imortal” ou “imortalidade”.<sup>9</sup>

Deus e os seres humanos diferem acentuadamente. Deus é infinito, os homens são finitos. Deus é imortal, eles são mortais. Deus é eterno, eles são transitórios. [...] Na Criação “formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente” (Gn 2:7). O relato da criação revela que a humanidade derivou sua vida de Deus (cf. At 17:25, 28; Cl 1:16,17). O corolário deste fato básico é que imortalidade não é inerente à humanidade, mas é um dom de Deus.<sup>10</sup>

Samuele Bacchiocchi, em seu estudo bíblico sobre a natureza e destino do ser humano, declara que

não há nenhuma indicação na Bíblia de que o espírito de vida dado ao homem na criação era uma entidade consciente antes que isto fosse dado. Tal fato dá-nos razões para crer que o espírito de vida não tem personalidade consciente quando retorna a Deus. O espírito que retorna a Deus é simplesmente o princípio da vida animal repartido por Deus tanto para os seres humanos como para os animais durante o percurso de sua existência terrena.<sup>11</sup>

Aécio Cairus, acreditado teólogo adventista, de nacionalidade argentina, em seu artigo “A doutrina do homem”, assim conclui sobre o valor de uma retribuição aniquilacionista:

A Bíblia não fala de tormento ou dor eternos para os ímpios, apesar dos agentes de destruição, tais como fogo e fumaça, serem de eternos (Mat. 25:41; Apoc. 14:11). Os ímpios são lançados para dentro de um formidável e inexorável ambiente que garante que nenhum resíduo será deixado.<sup>12</sup>

Norman Gulley, de maneira convergente com os seus pares anteriormente citados, questiona o ensino da imortalidade da alma ao afirmar que “as Escrituras não apenas dizem que Deus é o único detentor da



imortalidade, mas também declaram que a imortalidade será concedida no segundo advento (1Co 15:53)".<sup>13</sup>

Sendo uma das pioneiras do pensamento e pregação adventistas, Ellen White percebeu o risco que representava para a compreensão da doutrina de Deus e da salvação o erro acerca da imortalidade da alma. Como evidência da luz que teve sobre esta relação, pode-se apontar sua denúncia acerca dos seguintes erros:

**(a) Tirania de Deus: Deus sendo visto como tirano pela humanidade**

Satanás disse a seus anjos que fizessem um esforço especial para espalhar a mentira a princípio proferida a Eva no Éden: "Certamente não morrereis." E, sendo o erro recebido pelo povo, e sendo este levado a crer que o homem é imortal, Satanás induziu-os a crer que o pecador viverá em eterno estado de miséria. Achava-se preparado o caminho para Satanás agir por intermédio de seus representantes e apresentar a Deus perante o povo como um tirano vingativo, como alguém que mergulhe no inferno todos os que não Lhe agradem, e os faça para sempre sentir Sua ira; e, enquanto sofrem indizível aflição, e se contorcem nas chamas eternas, é Ele representado a olhar sobre eles com satisfação. Satanás sabia que, se esse erro fosse recebido, Deus seria odiado por muitos, em vez de amado e adorado; e que muitos seriam levados a crer que as ameaças da Palavra de Deus não seriam literalmente cumpridas, pois que seria contra Seu caráter de benevolência e amor mergulhar nos tormentos eternos seres que Ele criara.<sup>14</sup>

**(b) Universalismo: A crença de que toda a humanidade será salva**

Outro extremo que Satanás tem levado o povo a adotar consiste em não tomarem em nenhuma consideração a justiça de Deus e as ameaças de Sua Palavra, e representá-lo como sendo misericórdia, de modo que ninguém perecerá, mas que todos, tanto santos como pecadores, serão finalmente salvos em Seu reino.<sup>15</sup>

**(c) Incredulidade na revelação bíblica**

Em conseqüência dos erros populares da imortalidade da alma, e do intérmino estado de misérias, Satanás tira vantagem de outra classe, e os leva a considerar a Bíblia como um livro não inspirado. Acham que ela ensina muitas coisas boas, mas não podem depositar confiança na mesma e amá-la, porque lhes foi ensinado que ela declara a doutrina do tormento eterno.<sup>16</sup>

**(d) Ateísmo**

Uma outra classe Satanás ainda leva mais longe, mesmo a negar a existência de Deus [...] Portanto negam a Bíblia e seu Autor, e consideram a morte como um sono eterno.<sup>17</sup>

**(e) Loucura ou insanidade mental**

Ainda há outra classe que é medrosa e tímida. A estes, Satanás tenta para cometer pecado, e depois de haverem pecado mostra-lhes que o salário do pecado não é a morte, mas vida em horríveis tormentos, a serem suportados pelas eras sem fim da eternidade. Aumentando assim diante de seus espíritos fracos os horrores de um inferno eterno, toma posse de suas mentes e eles perdem a razão.<sup>18</sup>



O que se pode concluir destas corajosas e oportunas declarações de Ellen White é que a doutrina da imortalidade da alma conduz as pessoas a odiarem a Deus, em virtude da crença no castigo eterno, ou a conceberem o erro da salvação universal. E, mais do que isto, esta falsa doutrina também pode levar os seres humanos a se tornarem ateus ao não conseguirem conciliar de maneira razoável a idéia do inferno com o caráter amorável do Criador e redentor. Finalmente, muitos que tendem à aceitação da imortalidade da alma são, em muitos casos, levados à insanidade mental.

## **2. O ENSINO BÍBLICO: AS DUAS MORTES**

A Bíblia ensina que haverá duas mortes. A primeira é temporária, imposta a todos os seres humanos, sem qualquer discriminação. Em apoio desta declaração, Paulo ensinou seqüencialmente aos cristãos de Roma que (1) todos os seres humanos pecaram (Rm 3:23) e (2) que o salário do pecado é a morte (6:23). Ninguém escapa da morte, exceto pessoas que, na sabedoria e poder de Deus, foram levadas desta Terra para servirem de testemunhas especiais de seu plano redentor. Entres estes figuram o patriarca Enoque e o profeta Elias.

A segunda morte é permanente e atinge somente aqueles que não aceitarem o plano de salvação centralizado na morte de Cristo. Para estes, a promessa da primeira ressurreição, chamada também de ressurreição da vida, torna-se realidade por ocasião da segunda vinda de Cristo à Terra. O claro ensino apresentado em João 5:28,29 remove qualquer dúvida sobre o plano de Deus para trazer de volta à vida todos os seres humanos que sofreram a primeira morte. Este pensamento bane qualquer esperança de salvação universal, ou de considerar a morte como esquecimento eterno, sem dor e sem juízo. Mas a evidência bíblica de duas ressurreições também lança luz sobre o caráter de Deus ao lidar com o mal, pois os que “tiverem praticado o mal” voltam à vida para enfrentarem o juízo divino, cujo clímax é a aplicação da extinção ou aniquilação eterna na segunda morte.

A doutrina bíblica das duas mortes se torna mais compreensível diante de uma leitura mais atenta de certas passagens, como Hebreus 9:27 e Apocalipse 20:6. Aos Hebreus, Paulo deixa claro que tanto a morte de Cristo e a ordenança da morte humana, como conseqüência universal do pecado, restringem-se a uma única vez. Isto é plena verdade, visto que o completo e suficiente sacrifício de Jesus não precisará ser repetido, nem mesmo em rituais de derramamento de sangue, como ainda era praticado pelos judeus no primeiro século cristão. Para aqueles que aceitam a realidade da expiação pelos méritos de Cristo haverá apenas uma morte, a primeira, da qual acordarão na primeira ressurreição ou ressurreição dos justos (Hb 9:28; 1Ts 4:13-17; 1Co 15:55-57). A promessa para estes é que a segunda morte não tem poder de destruí-los (Ap 20:6 up). Este castigo está reservado para todos os que não aceitaram o plano da salvação. A segunda morte ocorre depois dos mil anos de paz, como ponto culminante do juízo de Deus contra o pecado, seu originador e seus adeptos, quer sejam anjos ou seres humanos. João assim descreve, em Apocalipse 20:12, 13, 14 e 15, este evento final da história do pecado:



E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros [...] E foram julgados, um por um, segundo as suas obras [...] [e] lançados para dentro do lago de fogo. Esta é a segunda morte, o lago de fogo. E, se alguém não foi achado inscrito no livro da vida, esse foi lançado para dentro do lago de fogo.

Coerente com a justiça de Deus declarada por Paulo na segunda carta aos coríntios, capítulo 5, verso 10, Ellen White comenta que o tormento da segunda morte não será igual para todos, ao dizer:

Alguns são destruídos em um momento, enquanto outros sofrem muitos dias. Todos são punidos segundo suas ações [...] Nas chamas purificadoras os ímpios são finalmente destruídos, raiz e ramos – Satanás a raiz, seus seguidores os ramos.<sup>19</sup>

Há questões concernentes à segunda morte que precisam ser respondidas, antes que alguém possa ter plena confiança no caráter de Deus. Algumas são respondidas pelo claro ensino da Bíblia. Para outras, não se encontra resposta a menos que descansemos nossa mente na sabedoria de Deus e na revelação dos desdobramentos desses episódios na eternidade. Eis algumas dessas questões:

(a) *Por que ressuscitar os ímpios para matá-los novamente? Por que não deixá-los no túmulo?:* Para acharmos uma resposta adequada à gravidade desta questão basta lembrarmos de alguns nomes de ímpios que atormentaram a humanidade e agrediram o povo de Deus, mas morreram de morte natural sem nenhum sofrimento físico ou mental, visto que muitos destes se cercaram de proteção para não serem incomodados. Ultrapassaram os limites do alcance da voz de Deus por cauterizarem suas consciências na prática do mal. Seria justo diante do universo deixar que homens semelhantes a Stalin e Hitler, apenas para citar estes como exemplos de uma imensa lista de facínoras e monstros humanos, simplesmente fossem esquecidos no silêncio da morte?

(b) *É o fogo mais quente para aqueles que pecam menos? Como é que a vida de muitos será sustentada no lago de fogo por dias, enquanto que a de outros desaparece em um momento? Se o fogo consome alguns imediatamente, por que não todos?*

(c) *É misericordioso da parte de Deus sustentar a vida por poucos dias, mas não por anos? Que benefício poderia Deus extrair dos ímpios para este propósito? Wayne Grudem tenta responder a estas questões ao fazer a conexão entre a justiça de Deus e a punição eterna. Ele diz: “Se Deus não executa punição eterna, então, aparentemente, sua justiça não seria satisfeita”.*<sup>20</sup>

Norman Gulley corretamente pondera que “a justiça de Deus é o tema central na controvérsia cósmica.”<sup>21</sup> O ponto focal da terceira mensagem angélica é advertir da punição que toma lugar na experiência da segunda morte. Para entendermos e respondermos as questões que se levantam acerca da justiça de Deus na controvérsia sobre a segunda morte, será indispensável que a natureza do tormento seja clarificada à luz da doutrina bíblica.



### 3. A NATUREZA DO TORMENTO

Primeiramente, deve-se ter em mente que o problema relacionado à natureza do tormento não é uma questão de duração, mas de intensidade. A raiz bíblica do verbo “atormentar” – *basanízo* - é “ir até ao fundo”. A tortura dos ímpios vai até ao máximo de sua intensidade, em plena força, dia e noite até que a última pessoa condenada exale a última respiração. O tormento pode ter lugar apenas quando não houver mais mediador atuando em favor da humanidade. Um outro assunto de vital importância é destacar que o castigo dos ímpios distingue-se da dor física, por ser caracterizado como dor espiritual, agonia mental.

Em segundo lugar, é necessário focalizar o sofrimento de Cristo para entender a natureza do tormento dos ímpios. Aos destinatários da carta de Hebreus (Hb 2:9), o autor inspirado escreveu: “Vemos, todavia, aquele que, por um pouco, tendo sido feito menor que os anjos, Jesus, por causa do sofrimento da morte, foi coroado de glória e de honra, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todo homem”.

Esta declaração de Paulo aos hebreus nos leva a entender que Cristo sofreu e provou a segunda morte, não a primeira, visto que Ele morreu por nossos pecados. Se a primeira morte é a consequência do pecado, a segunda é a retribuição final da transgressão contra Deus. Como nosso substituto no castigo eterno, Cristo experimentou a “ira de Deus” (João 3:36). A profecia do Servo Sofredor se cumpriu em seu sofrimento e morte: “Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados”. (Is 53:5; Mt 8:17; 1Pd 2:24-25).

Ellen White declarou que, no Getsêmani, Cristo sentiu como se estivesse

excluído da luz da mantenedora presença de Deus. Era então contado entre os transgressores. Devia suportar a culpa da humanidade caída. Sobre Aquele que não conheceu pecado, devia pesar a iniquidade da raça caída. Tão terrível Lhe parece o pecado, tão grande o peso da culpa que deve levar sobre Si, que é tentado a temer que ele O separe para sempre do amor do Pai. Sentindo quão terrível é a ira de Deus contra a transgressão, exclama: “A minha alma está profundamente triste até à morte”.<sup>22</sup>

O tormento dos ímpios se tornará um ensino cada vez mais claro se entendermos o que causou a morte de Cristo. Teria sido o sofrimento físico ou a agonia mental da separação do Pai? Isaías 53 se refere à culpa de nossos pecados colocados sobre Ele. Paulo, aos coríntios, afirma que “Aquele que não conheceu pecado, ele [Deus] o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus” (2Co 5:21).

Diante destas declarações inspiradas é certo concluir que o tormento produzido pela culpa exerceu a parte mais significativa na experiência final de Cristo como o portador de nossos pecados. Isso implica dizer o mesmo sobre a experiência dos ímpios. Não será tanto o fogo que causará a dor, mas a



presença da culpa pelos pecados. Na segunda morte, a culpa exerce o papel de combustível para o castigo. Ellen White lembra que

no dia quando o Livro do Céu for aberto, o Juiz expressará, não em palavras, ao homem sua culpa, mas lançará um penetrante, condenatório olhar, e cada obra, cada transação da vida, será vividamente impressa sobre a memória do malfeitor.<sup>23</sup>

Tiago 1:15 sugere um processo para o pecado: “e o pecado, uma vez consumado, gera a morte”, isto é, a segunda morte. O pecado é um processo, desde o ato ou pensamento até a consumação do seu resultado final na segunda morte. A salvação deve tratar com todo o desenvolvimento. Para ser plenamente vencedor, Cristo precisou carregar no interior de sua vida toda a amargura da desesperança e do desespero, todo o tormento que a culpa poderia trazer a qualquer ser humano. Somente assim poderia Ele demonstrar se tinha poder para vencer todas as forças do pecado.

Para elucidar melhor a compreensão desse processo de transferência de nossas culpas para Cristo como portador de pecados, deve-se indagar quando isto ocorreu. Quando foi Ele feito pecado por nós? Certamente, no Getsêmani. E foi ali que Ele sofreu a morte. Na cruz Ele provou a morte por toda a humanidade, desde Adão e Eva, mas o teria feito apenas por Eva se ela fosse a única que houvesse pecado como parte da família humana.

Nas palavras de White,

Deus sofria com Seu Filho. Anjos contemplavam a agonia do Salvador. Viam seu Senhor circundado de legiões das forças satânicas, Sua natureza vergada ao peso de misterioso pavor que todo O fazia tremer. [...] Suportara aquilo que criatura alguma humana jamais poderia sofrer; pois provara os sofrimentos da morte por todos os homens.<sup>24</sup>

Todo o céu, bem como os não caídos mundos foram testemunhas do conflito. [...] À medida que dEle era retirada a presença do Pai, viram-no aflito por uma dor mais atroz que a da grande e derradeira luta com a morte.<sup>25</sup>

Seu sofrimento no jardim do Getsêmani foi uma terrível angústia que deve sempre permanecer como um terrível mistério para a família humana. No Jardim do Getsêmani Cristo sofreu em lugar do homem, e a natureza humana do Filho de Deus cambaleou sob o peso do terrível horror da culpa do pecado [...] A natureza humana teria então morrido sob o horror do senso do pecado não houvesse um anjo do céu O fortalecido para suportar a agonia. Cristo está sofrendo a morte que era pronunciada sobre os transgressores da lei de Deus.<sup>26</sup>

Foi em consequência do pecado, a transgressão da lei de Deus, que o jardim do Getsêmani tornou-se preeminentemente o lugar de sofrimento para um mundo pecaminoso. Nenhuma tristeza, nenhuma agonia, pode ser comparada com aquilo que foi suportado pelo Filho de Deus. O ser humano não se tornou um portador de pecados, e ele nunca conhecerá o horror da maldição do pecado que o Salvador suportou. Nenhuma tristeza humana pode servir para qualquer comparação com a tristeza dAquele sobre quem a ira de Deus foi derramada com opressiva força. A natureza humana pode suportar apenas





uma medida finita de sofrimento, antes de sucumbir; mas a natureza de Cristo excedeu na capacidade de suportar a dor, pois o humano existia na natureza divina, e criou a capacidade de resistir ao sofrimento resultante dos pecados de um mundo perdido.<sup>27</sup>

O peso de culpa, em face à transgressão da lei do Pai, foi tão grande que a natureza humana era inadequada para o suportar. Os sofrimentos de mártires não podem oferecer nenhuma comparação com a agonia de Cristo. A presença divina esteve com eles em seus sofrimentos; mas a face do Pai foi escondida de Seu amado Filho.<sup>28</sup>

Uma compreensão errada sobre o significado do tormento dos ímpios pode ser a porta para muitos outros erros de natureza teológica que deformam o pensamento e, conseqüentemente, o viver cristão. Por outro lado, a doutrina correta, segundo a Palavra de Deus, provê grandes lições doutrinárias que, quando aprendidas, produzem equilíbrio mental e viver bem orientado.

#### **4. LIÇÕES PARA A HUMANIDADE**

##### **4.1. AVALIAÇÃO REAL DO SOFRIMENTO DE CRISTO.**

O ensino da imortalidade da alma lança dúvidas sobre a necessidade da cruz de Cristo como a única esperança de salvação. Pelas Escrituras, o sofrimento de Cristo revela a nós a grandeza do amor de nosso Pai, ao se submeter à zombaria e insultos com o objetivo de se alegrar ao ver salvas em seu Reino almas anteriormente perdidas. Sem a cruz do Calvário não poderíamos ter nenhum raio de esperança, nem um toque do favor de Deus, nenhuma oferta de misericórdia.<sup>29</sup> Uma realidade que nenhum ser humano pode avaliar em toda a sua extensão é o sofrimento que foi suportado por Cristo.

A cruz de Cristo deve ser o grande centro ao redor do qual cada coisa deve girar. Tudo deve estar em subordinação ao Calvário. A cruz está plantada entre a divindade e a humanidade, entre o céu e a terra. Nunca se move para mais próximo da Terra. Todas as coisas concernentes à salvação do homem devem estar à sombra da cruz.<sup>30</sup>

Cristo sofreu humilhação para salvar-nos da desgraça eterna. Ele consentiu em sofrer escárnio, zombaria, e abuso sobre Ele a fim de defender-nos.<sup>31</sup>

O ensino que postula a imortalidade da alma humana como um ser desincorporado é uma falsa expectativa que conduz o ser humano à separação de Deus e à conseqüente morte eterna. Cristãos, ao aceitarem essa errônea doutrina, não conseguem estabelecer uma relação clara entre o sofrimento de Cristo e o tormento eterno. Isto se deve em razão da crença na doutrina da imortalidade da alma, ao procurarem explicar a necessidade da permanente natureza do tormento como solução final para a eliminação dos pecadores impenitentes. Tal explicação pode ser nos moldes da visão católica ou na linguagem da teologia protestante, com matiz popular ou acadêmico.



#### 4.2. RELAÇÃO BÍBLICA CORRETA ENTRE O EVANGELHO E O JUÍZO

O escritor da epístola aos Hebreus deixa claro que há estreita relação entre o aceitar o evangelho e a necessidade do juízo final (Hb 9:27-28). Esta relação se encontra presente também em Apocalipse 14:6-12, texto no qual a idéia do tormento dos ímpios surge em conexão com a pregação do evangelho eterno e o preparo para a hora do juízo. A rejeição do evangelho eterno implica sentença de morte expressa no juízo. A proclamação do evangelho e o anúncio do juízo estão ligados no plano de Deus. Se não há julgamento, não há necessidade do evangelho. São dois lados da mesma moeda. Esse foi o conteúdo da pregação apostólica, como pode ser comprovado no exemplo de Paulo diante de Félix:

Passados alguns dias, vindo Félix com Drusila, sua mulher, que era judia, mandou chamar Paulo e passou a ouvi-lo *a respeito da fé em Cristo Jesus*. Dissertando ele acerca da justiça, do domínio próprio e *do juízo vindouro*, ficou Félix amedrontado e disse: por agora, podes retirar-te e, quando eu tiver vagar, chamar-te-ei. (ênfase do autor)<sup>32</sup>

A compreensão do juízo de Deus e o seu conseqüente clímax na aniquilação dos ímpios, Satanás e os anjos rebeldes é o lógico final para a história da salvação humana, conforme a doutrina bíblica. O contrário disso é aceitar a falsa imagem sobre Deus que Satanás deseja ver pendurada nas paredes de nossa mente. Gulley coloca essa relação de modo explícito, ao afirmar:

Eu creio que a doutrina do inferno tem feito mais do que qualquer outra para distanciar pessoas para longe de Deus. O quadro de um Deus arbitrário, severo, sem coração e irado que se deleita na tortura de Seus filhos tem sido repulsiva para um incontável número de indivíduos. Especialmente quando cristãos argumentam que o inferno inclui aqueles que Deus não elegeu para a salvação, e então os confinou para a agonia sem fim, meramente porque esta é a Sua vontade. A idéia cruel de que os santos se regozijarão ao verem os ímpios contorcendo-se porque eles não entenderam quão gracioso Deus é para salvá-los; que eles se regozijarão ao verem suas próprias mães lançadas no inferno; que Deus estará eternamente irado contra os ímpios – são todas idéias que mostram o grau de extensão das artimanhas que Satanás tem posto a operar até entre os cristãos, enquanto ele pinta o retrato de um injusto Deus dominando sobre a humanidade<sup>33</sup>.

O escritor de Apocalipse declara que “o lago de fogo” consome a morte e o próprio inferno, pois estes foram lançados para dentro de suas chamas devoradoras. E conclui: “Esta é a segunda morte, o lago de fogo” (Ap 20:13). O fato é que a segunda morte extingue a presença da primeira, visto que a promessa se cumpre “e a morte já não existirá, não haverá luto” (Ap 21:4). O lago de fogo não é outro senão o próprio planeta em chamas, terra e céus “incendiados” pela ação de Deus, sob cujo calor sofrerá a purificação final de todos os vestígios do pecado, incluindo a presença de seres humanos impenitentes.

Após este incêndio, iniciado e mantido pelo próprio Senhor, fogo eterno em sua origem e efeitos porque é ação de Deus, não haverá “nem raiz e nem



ramo” do pecado (2Pe 3:12; Mt 4:1) e o planeta será restaurado à sua beleza e pureza edênicas, conforme a promessa (2Pe 3:13). Gulley, corretamente, observa que “a segunda morte não é inferno eterno. É o último inimigo - morte permanente”<sup>34</sup>. Ela se extingue tão logo cessa o seu trabalho de consumir o pecado em todas as suas manifestações.

Jonathan Edwards disse que “o mundo provavelmente será convertido em um grande lago ou globo líquido de fogo, no qual os ímpios estarão sempre humilhados, que estarão sempre em meio à tempestade”.<sup>35</sup> Gulley critica Edwards observando que “uma tal visão de inferno contradiz a promessa bíblica de uma nova terra (Ap 21:1)”.<sup>36</sup>

Finalmente, é preciso entender o significado da palavra eterno no contexto do tormento dos ímpios, a fim de eliminar qualquer dúvida sobre a duração do sofrimento que experimentarão no clímax da história da salvação. Os que argumentam a eternidade dos sofrimentos dos ímpios no tormento do inferno procuram base nas expressões “a fumaça do seu tormento sobre pelos séculos dos séculos” (Ap 14:11) e “serão atormentados de dia e de noite, pelos séculos dos séculos” (Ap 20:10). Mas os que assim procedem, deixam de ler a expressão no final de Apocalipse 20:9: “desceu, porém, fogo do céu e os consumiu”.

A imagem de um fogo ardendo eternamente para atormentar os ímpios é estranha ao texto e à teologia bíblica. Isto pode ser verificado ao se ler expressões semelhantes, como a que se encontra em Judas 6 e 7, lembrando a realidade do juízo de Sodoma e Gomorra, que foram postos “para exemplo do fogo eterno, sofrendo punição”. Vale lembrar que o “fogo eterno” que destruiu as duas cidades ímpias cessou a sua ação destruidora quando não restava nada mais para consumir. A melhor e mais explicativa passagem bíblica para a duração da ação do fogo do juízo e o conseqüente tormento dos ímpios, poderia ser Malaquias 4:1-2. Esta profecia aponta exatamente para dia do juízo como aquele tempo que

arde como fornalha; todos os soberbos e todos os que cometem perversidade serão como o restolho; o dia que vem os abrasará, diz o Senhor dos Exércitos, de sorte que não lhes deixará nem raiz e nem ramo. Mas para vós outros que temeis o meu nome nascerá o sol da justiça, trazendo salvação nas suas asas; saireis e saltareis como bezerras soltas da estrebaria.

Para Gulley<sup>37</sup>, o fogo anunciado por Malaquias corresponde à *Geena* escatológica descrita por Jesus, ao usar linguagem figurada do depósito de lixo – o vale do filho (ou filhos) de Hinon (do ar. *Gehinna*; do heb. *Ge hinnon*) - que ardia dia e noite ao sudoeste de Jerusalém, há aproximadamente dois mil. A *Geena* era uma figura do fogo eterno no que diz respeito aos efeitos de sua obra, pois permanecia ardendo para queimar todo o lixo e cadáveres até a sua extinção final. Esta é a idéia que lemos na última parte de Malaquias 4:1: “de sorte que não lhes deixará nem raiz e nem ramo”. Assim deve ser compreendida a penalidade que Paulo anuncia para os ímpios “quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus” (2Ts 1:7-8). Segundo o apóstolo, “estes sofrerão penalidade de eterna destruição” (verso 9). Faz-se



necessário que se pontue que, segundo Paulo, os ímpios sofrerão penalidade de “eterna destruição” e não de tormento sem fim.

#### **4.3. A ESCOLHA FINAL É DO PRÓPRIO PECADOR**

A Bíblia, desde Gênesis até o Apocalipse, deixa claro que Deus não toma a decisão de salvar o ser humano sem o exercício de sua vontade, pelo exercício de seu livre arbítrio. Esta é atitude do Senhor ao conceder o direito de escolher comer ou não o fruto proibido no Éden (Gn 3:1-14). Embora o pecado tenha escravizado a raça, a graça manifesta no sacrifício de Cristo nos coloca em condições de escolher a quem servir (Dt 30:15-20; Js 2:15; Mt 11:29-30; Hb 3:7-10; 4:7; Ap 3:20; 22:17), o que permite concluir que o pecador morre a segunda morte por sua livre escolha. Por isso não é estranho pensar em pecadores confessando a justiça de Deus no juízo final (Rm 14:11). Ellen White comenta a isenção de Deus no juízo, nos seguintes termos:

No dia do juízo final, toda alma perdida compreenderá a natureza de sua rejeição da verdade. A cruz será apresentada, e sua real significação será vista por todo espírito que foi cegado pela transgressão. Ante a visão do Calvário com sua misteriosa Vítima, achar-se-ão condenados os pecadores. Toda falsa desculpa será banida. A apostasia humana aparecerá em seu odioso caráter. Os homens verão o que foi sua escolha. Toda questão de verdade e de erro, na longa controvérsia, terá então sido esclarecida. No juízo do Universo, Deus ficará isento de culpa pela existência ou continuação do mal. Será demonstrado que os decretos divinos não são cúmplices do pecado. Não havia defeito no governo de Deus, nenhum motivo de desafeto.<sup>38</sup>

#### **4.4. O TORMENTO NASCE DOS PENSAMENTOS DOS ÍMPIOS**

A declaração apocalíptica de que os ímpios “não têm descanso algum, nem de dia nem de noite, os adoradores da besta e da sua imagem e quem quer que receba a marca do seu nome” (Ap 14:11), pode ser entendida pelo comentário de Ellen White de que “os próprios pensamentos do pecador são seus acusadores: e não haverá tortura mais aguda do que os agulhões de uma consciência culpada, que não darão repouso a ele nem de dia nem de noite”.<sup>39</sup>

#### **4.5. NINGUÉM PRECISA PERECER**

Dietrich Bonhoeffer é o autor da expressão “costly Grace” ou a “graça preciosa” de grande valor. Este é o conceito da graça de Deus, conforme lido e percebido pela ótica do Calvário. Paulo identificou o preço pago pela nossa salvação com a vida do próprio Senhor. Todos estamos livres para aceitar a oferta de salvação proporcionada por Deus, pois Cristo pagou o nosso débito com sua própria morte. Logo, ninguém precisa perecer no lago de fogo, a menos que o faça por escolha pessoal. E a escolha está entre aceitar o que Jesus já realizou quando permitiu viver o tormento da separação do Pai, imposto pela natureza do nosso pecado que foi colocado sobre Ele, ou rejeitar o seu sacrifício como sendo de nenhum valor.

Essa é a rejeição que equivale a aceitação da penalidade a ser sofrida no juízo final. Mas, em sã consciência iluminada pelo conhecimento das Escrituras Sagradas, ninguém precisa passar por esse sofrimento, por essa



angústia de alma. Ellen White assevera que vincular o destino de nossa vida à decisão pessoal em relação ao que Cristo fez e está fazendo por nós

não é um ato de poder arbitrário da parte de Deus. Os que Lhe rejeitavam a misericórdia ceifarão aquilo que semearam. Deus é a fonte da vida; e quando alguém escolhe o serviço do pecado, separa-se de Deus, desligando-se assim da vida.<sup>40</sup>

Nas palavras de Gulley,

quando a vasta multidão dos salvos e perdidos coexistem momentaneamente ao final do milênio, todos vêm suas vidas á luz da morte de Cristo por eles. Eles vêm que o julgamento tem já tomado lugar no Calvário (Ap 12:9-11). Ali Cristo foi julgado um pecador no lugar deles. Ele assumiu o castigo devido a eles. Ali Ele morreu a segunda morte que todos os seres humanos merecem. E ali Ele conquistou o inferno para eles [no qual não precisam mais sofrer].<sup>41</sup>

Em conclusão, vale lembrar algumas declarações o que o erudito Nels Ferre emite sobre o conceito de inferno eterno. Ele diz que essa falsa doutrina “está naturalmente fora de questão”:

A própria concepção de inferno eterno é monstruosa e um insulto para a concepção das últimas coisas em outras religiões, para não mencionar a doutrina do soberano amor de Deus. Uma tal doutrina torna Deus um tirano, onde qualquer Hitler humano seria um santo de terceiro grau, e os campos de concentração de tortura humana os campos de piquenique do Rei. Que uma tal doutrina pudesse ser concebida, para não dizer crida, mostra quão longe de qualquer compreensão do amor de Deus muitas pessoas uma vez foram, e pasmem, continuam indo.<sup>42</sup>

## NOTAS

<sup>1</sup> O presente artigo foi motivado pela excelente exposição bíblica sobre o mesmo tema, em sermão pregado na igreja do Unasp, Campus Engenheiro Coelho, no dia 11 de março de 2000.

<sup>2</sup> Lee Strobel, *Em defesa da fé* (São Paulo: Vida, 2002), p. 231.

<sup>3</sup> Ibidem. Ver *The atheist debater's handbook* (Buffalo, New York: Prometheus, 1979), p. 237.

<sup>4</sup> Bertrand Russel, *Por que não sou cristão e outros ensaios sobre religião e assuntos correlatos* (São Paulo: Exposição do Livro, 1960), p. 22.

<sup>5</sup> Oscar Cullman, *Imortalidade da alma ou ressurreição dos mortos?* (Artur Nogueira, SP: União Central Brasileira, 2002), p. 27.

<sup>6</sup> Ibidem.

<sup>7</sup> Ver Edward William Fudge, *The Fire That Consumes: A Biblical and Historical Study of the Doctrine of Final Punishment* (Falbrok, CA: Verdict, 1982), p. 111-112.

<sup>8</sup> Rubens Lessa, ed. *Nisto Cremos: 27 Ensinos Bíblicos dos Adventistas do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003), pp. 126.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 454.

<sup>10</sup> Ibidem.

<sup>11</sup> Samuel Bacchiocchi, *Immortality or Resurrection: A Biblical Study on Human Nature and Destiny* (Berrien Springs, MI: Biblical Perspectives, 1997), p. 74.



- <sup>12</sup> Aécio Cairus, "A Doutrina do Homem", em George Reid, ed. *Handbook of Seventh-day Adventist Theology* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000), p. 219.
- <sup>13</sup> Norman Gulley, *Christ is Coming* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1998), p. 257.
- <sup>14</sup> Ellen G. White, *História da Redenção* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1972), pp. 389-370.
- <sup>15</sup> Ibidem.
- <sup>16</sup> Ibidem.
- <sup>17</sup> Ibidem.
- <sup>18</sup> Ibidem.
- <sup>19</sup> Ellen White, *O grande conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988), p. 673.
- <sup>20</sup> Norman Gulley, *Christ is Coming* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1988), p. 314.
- <sup>21</sup> Ibidem, p. 315.
- <sup>22</sup> White, *O desejado de todas as nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003), p. 681.
- <sup>23</sup> Idem, *Testimonies for the Church* (Boise, ID: Pacific Press, 1988), 4:493.
- <sup>24</sup> Idem, *O desejado de todas as nações*, p. 693-94.
- <sup>25</sup> Ibidem, 759.
- <sup>26</sup> Idem, *Bible Training School*, 1/5/1915.
- <sup>27</sup> Ibidem.
- <sup>28</sup> Idem, *Bible Echo*, 1/8/1892.
- <sup>29</sup> Idem, *Testimonies for the Church* (Boise, ID: Pacific Press, 1988),. 4:503.
- <sup>30</sup> Ibidem.
- <sup>31</sup> Ibidem, p. 374.
- <sup>32</sup> Atos 24:24-25. Itálico suprido.
- <sup>33</sup> Norman Gulley, *Christ is coming*, p. 322.
- <sup>34</sup> Gulley, *Christ is Coming*, p. 323.
- <sup>35</sup> Ibidem.
- <sup>36</sup> Ibidem.
- <sup>37</sup> Ibidem, p.310.
- <sup>38</sup> White, *O desejado de todas as nações*, p. 58.
- <sup>39</sup> Ibidem, p. 223.
- <sup>40</sup> Ibidem, p. 764.
- <sup>41</sup> Gulley, *Christ is Coming*, p. 320.
- <sup>42</sup> Nels Ferre, *Christian Understanding of God* (New York: Harper, 1951, p. 228. Citado por Gulley, *Christ is Coming*, p. 330).